

Skinner, B.F.(1979). A Sociedade Não Punitiva. Japanese Journal<sup>1</sup>

No meu discurso, no domingo, para a Associação Psicológica Japonesa, chamei atenção para a importância de práticas culturais em produzir o que de melhor o indivíduo é capaz. A despeito da extraordinária dotação genética da espécie humana, incluindo a capacidade de ser mudado muito rapidamente através de encontros com o ambiente, um indivíduo sozinho, sem a ajuda de outros, poderia, durante seu período de vida, adquirir somente uma parte muito pequena do repertório exibido pela média das pessoas. Exposição a outros membros da espécie e a práticas que evoluíram no decorrer dos séculos, permitindo ao indivíduo aproveitar-se do que outros já aprenderam, faz uma enorme diferença. Eu estou ciente de uma dessas diferenças ao discutir meu tema de hoje. Grupos diferentes de pessoas têm desenvolvido práticas diferentes - na educação, religião, governo, psicoterapia, economia e na vida diária. Os resultados, algumas vezes, têm levado à noção de caráter nacional como se fosse o povo que diferisse em alguma medida genética ao invés da cultura. Contudo, o cientista comportamental não pode fazer muito com “caráter”. As coisas que estudamos são as práticas. Diferentes práticas levam a diferentes problemas e eu não estou certo de que os temas que vou tratar hoje com esta distinta audiência parecerão tão importantes ou mesmo interessantes como na América. Entretanto, acredito que representa um passo crucial na evolução da espécie e das práticas de uma cultura.

Muitas coisas no mundo são ditas desagradáveis ou desgastantes. Nós evitamos ou fugimos delas quando podemos. É parte de nossa dotação genética que nós devemos fazer assim porque elas são biologicamente nocivas e tiveram um papel importante na seleção natural. Três ótimos exemplos históricos aos quais a espécie foi exposta são fome, doença e trabalho exaustivo. A espécie progrediu muito ao lidar com elas. Com a descoberta da agricultura e formas de armazenamento e transporte de alimento, a espécie humana (ao menos em parte) escapou do sofrimento da fome. Através da medicina e do saneamento, tem escapado de muito do sofrimento de doenças e morte precoce. Através da tecnologia mecânica escapou do sofrimento de trabalho exaustivo. O único sofrimento ao qual muitos membros da espécie humana ainda são expostos são aqueles que nós infligimos um ao outro. Pessoas ameaçam ou destroem vida, liberdade e propriedade na guerra, terrorismo e crime organizado. Cientistas políticos algumas vezes definem governo simplesmente como o direito de punir. A religião cristã ameaça uma eternidade de fogo no inferno e seus seguidores continuamente nos lembram desta mais terrível das punições. Educação tem uma longa história punitiva. A bengala e as cintas (uma tira de couro que como o cassetete do policial deixa poucas marcas permanentes) ainda são usadas nas escolas britânicas e a palmatória está novamente

---

<sup>1</sup> 1 Tradução para uso pessoal. Tradução por Maria Luisa Guedes e Thomas Anatol da Rocha Woelz.

(Palestra comemorativa feita por B.F. Skinner depois de receber um doutorado honorífico da Keio University, Japão. setembro 25, 1979.)

em uso na América. Mesmo sem punição corporal, professores ainda são tão punitivos que a maioria dos estudantes estuda simplesmente para evitar as consequências de não estudar. Incentivos na indústria são realmente punitivos. Nós pensamos em salário semanal como um tipo de recompensa, mas ele não funciona desta forma. Ele estabelece um padrão de vida que o trabalhador pode perder ao ser demitido. Trabalhadores não trabalham na segunda de manhã por causa do pagamento que receberão no final da semana: eles trabalham porque um supervisor os dispensará se não o fizerem. Na maioria dos sistemas de incentivo, trabalhadores não trabalham por coisas, mas para evitar perdê-las.

Psicoterapia não é uma exceção. Psicóticos já foram colocados em covis de cobras (certamente uma medida aversiva) e a assim chamada “terapia comportamental” parodiada no filme *Laranja Mecânica*, usando náusea ou choque elétrico, em condicionamento pavloviano, é pouco mais do que uma forma científica de punição. O diretor de um hospital militar no Vietnã certa vez me disse que estava usando condicionamento operante com pacientes psicóticos e eu fiquei feliz até descobrir que ele tinha simplesmente dito a seus pacientes que se não fossem trabalhar levariam choques elétricos. Felizmente muita psicoterapia é não punitiva. Mas mesmo em nossa vida diária, nós tendemos a cair em formas suaves de punição - criticando, reclamando, negando, quando não medidas físicas que resultam em criança ou mulher vítimas de maus tratos.

Quando o tratamento é muito severo, pessoas fogem da punição – de governos, desertando para outros governos; de religiões, tornando-se apóstatas; de escolas e universidades, gazeteando ou abandonando os estudos; da indústria pelo absenteísmo ou largando o trabalho; da família pelo divórcio ou fugindo de casa. Se aqueles que foram tratados punitivamente, tiverem poder, podem contra-atacar – derrubando um governo, reformando uma religião, vandalizando escolas e atacando professores, fazendo greve ou boicotando indústrias e envolvendo-se em ações sociais violentas.

Quando aqueles que usaram punição forem fortes o suficiente para impedir a fuga e o contra-ataque de quem eles puniram, o efeito pode ser um tipo de inação súbita, um entorpecimento, um total desperdício de potencial.

Ninguém gosta destas consequências da punição e, certamente, ninguém gosta de ser punido. Por que, então, punição continua sendo um instrumento tão importante de controle social? Somos nós, talvez, geneticamente inclinados a sermos agressivos com o outro? Certamente é fácil apontar razões de por que devemos ser. Aqueles membros da espécie que foram mais fortemente inclinados a defenderem-se e defenderem sua propriedade pela força física, a agir agressivamente como predadores e competir agressivamente em competição sexual devem ter tido mais probabilidade de sobreviver e transmitir suas tendências.

Mas nós também aprendemos a punir. À parte nossa tendência genética, as coisas que a gente faz que machucam outros usualmente têm consequências reforçadoras para nós. Nós aprendemos a usar medidas aversivas, nós também aprendemos a aceitar as

práticas aversivas da cultura da qual fazemos parte. E aqui vemos uma possível pista para responder nossa questão. Para os que são poderosos o suficiente para usá-la, punição tem consequências reforçadoras. As pessoas que nós punimos se comportam como nós impomos e as coisas que tiramos delas, em nome da punição, são coisas que nós mesmos pegamos e as consequências indesejáveis que mencionei são todas atrasadas. Infelizmente, é muito mais provável que sejamos afetados por coisas que aconteçam rapidamente. As consequências imediatas de usar punição são muito mais poderosas do que as desvantagens e perdas atrasadas.

Há uma tecnologia comparável à agricultura, medicina e engenharia às quais possamos recorrer para encontrar alternativas a esta última grande fonte de sofrimento humano? Eu acredito que sim. Para muitas pessoas é conhecida como “modificação de comportamento”, mas o termo tem sido muito mal compreendido. Não me refiro a modificação de comportamento com drogas ou eletrodos implantados ou condicionamento pavloviano com choques elétricos ou drogas produzindo náusea. O termo foi inventado para o comportamento mudado pelo que o leigo chama de “recompensa” ou que, na análise experimental do comportamento, nós chamamos de “reforçamento positivo”. Modificação de comportamento no sentido exato da aplicação de uma análise experimental do comportamento é, eu acredito, o primeiro esforço organizado para desenvolver alternativas a práticas punitivas. Muitas pessoas inventaram, é claro, alternativas à punição, mas permanece o fato que os princípios que elas empregaram em geral não prevaleceram entre as pessoas. E assim como podemos explicar o uso generalizado de punição, apontando que os ganhos são imediatos e as perdas atrasadas, da mesma forma o fracasso em usar alternativas positivas pode ser devido ao fato de que perdas são imediatas e ganhos atrasados. Quando nós recompensamos outras pessoas, nós precisamos abrir mão de algo que possuímos ou realizar algum serviço. É somente no futuro que aquela pessoa então se comporta de maneiras que são recompensadoras para nós. Modificação de comportamento está, finalmente, fazendo avanços nas práticas culturais como uma alternativa à punição porque estas várias consequências de ambos – recompensa e punição – têm sido esclarecidas por uma análise científica e pela emergência de uma tecnologia que, em longo prazo, eu acredito, serão comparáveis em seus efeitos sobre a vida humana a agricultura, medicina e tecnologia de máquinas na eliminação desta última grande fonte de sofrimento humano.

Ao invés de entrar em detalhes do estudo científico de reforçamento positivo, eu simplesmente descreverei alguns exemplos. A sala de aula é um bom exemplo para começar. O professor comum, provavelmente sobrecarregado por muitos alunos e materiais instrucionais pobremente planejados, recorre provavelmente à punição - com críticas ou zombarias - quando não de formas corporais mais violentas. É ainda mais provável que faça isso porque, especialmente quando atarefados, nós tendemos a lidar com as coisas que chamam nossa atenção. Alunos estão sempre lembrando o professor que é hora de criticar ou reclamar mas raramente de elogiar ou louvar. Mau comportamento é o sinal para punição. Quando os alunos estão se comportando bem, o professor é tentado a “deixá-los em paz”. Mas “deixá-los em paz” é um princípio fatal.

Alunos deveriam receber atenção quando estão se comportando bem, não quando estão se comportando mal. Uma grande mudança usualmente ocorre na classe quando professores aprendem a procurar oportunidades para usar reforçamento positivo.

Professores também podem planejar contingências reforçadoras especiais. Eles podem criar reforçadores na forma de créditos ou fichas trocáveis por algum reforçador natural na vida do estudante. Uma professora, em classe de sexto grau nos EUA, usou fichas como reforçadores e deu-lhes poder especial quando ela reforçou o comportamento de seus alunos em um esquema que é responsável pelo extraordinário poder de sistemas de jogos, como em loterias e cassinos. Esta professora específica, não tivera treinamento especial como modificadora de comportamento mas sabia das possibilidades e resolveu experimentar. A escola ficava em local de população de baixa renda e estava tendo alguns problemas difíceis. As famílias não insistiam para suas crianças fazerem lição de casa e elas trabalhavam apenas em classe com pouco rendimento. Em uma manhã de segunda feira, a professora colocou um pequeno rádio transistor em sua mesa. Ela disse à classe que na sexta feira à tarde haveria um sorteio e que o aluno sorteado ganharia o rádio. Os alunos ficaram intrigados. Como eles obteriam as fichas? Seria muito simples, disse a professora. Sempre que eles trouxessem a lição de casa completa, poderiam escrever seus nomes em um cartãozinho e jogar em um jarro. Quando completassem as tarefas em classe, poderiam fazer o mesmo. Na sexta feira, o jarro seria chacoalhado e um cartão seria sorteado. A professora relatou uma mudança imediata no comportamento de seus alunos. Todos fizeram lição de casa e as tarefas em classe. A tarefa da professora ficou muito simplificada. Ela só tinha que não gastar em demasia o dinheiro necessário para um prêmio diferente a cada semana. Enquanto isso os alunos foram aprendendo muito porque estavam fazendo suas tarefas.

Experimento deste tipo é frequentemente criticado. Diz-se que as crianças estão sendo “chantageadas” para fazer suas tarefas. Isto não é exatamente verdade. Uma chantagem é algo pago para induzir alguém a fazer algo ilegal ou errado. Aqueles que chamam reforçamento positivo de suborno estão confessando ter uma opinião muito baixa do trabalho escolar. Poderiam argumentar também que estudantes poderiam trabalhar melhor por reforçadores positivos daquele tipo do que para escapar de punição. É claro que não queremos estudantes que continuarão a estudar somente quando ganharem bilhetes de loteria. Os comportamentos que adquirem na escola devem ser aqueles que, ao final, serão reforçados pelas contingências naturais da vida. As contingências naturais não podem ser trazidas para a sala de aula. Este foi o grande mal-entendido da filosofia da educação de John Dewey. Deveríamos educar para a vida real, mas não podemos usar a vida real efetivamente na escola. Contingências de sala de aula devem ser, em alguma extensão, artificiais, mas se forem planejadas de forma efetiva, produzirão comportamento que será vantajoso nas contingências naturais às quais o aluno será exposto mais tarde. Até mesmo na escola, reforçadores óbvios como fichas ou pontos só são necessários se a classe estiver fora de controle. Existem reforçadores naturais disponíveis na sala de aula. Uma característica genética importante da espécie humana - possivelmente de todas as espécies - é que ser bem-sucedido é em si mesmo reforçador. Alguém empurra, e o empurrar é reforçado quando

o objeto se move. Encontrar a resposta certa a uma questão é um evento altamente reforçador. No material instrucional tradicional, o aluno frequentemente não acerta. Um dos pontos tradicionais da instrução programada é aumentar as chances de que o aluno será bem-sucedido. Isto é alcançado, partindo-se o material em muitos pequenos passos planejados de forma que cada um possa ser aprendido rapidamente e com sucesso.

Outra característica de um bom programa é que o progresso do aluno seja evidente. O aluno avança no material com o qual, há bem pouco tempo, ele não lidava apropriadamente. Existem centros de aprendizagem em escolas americanas que ensinam crianças a ler apesar de elas virem de famílias analfabetas ou que não falam a língua inglesa. Cada aluno trabalha no seu próprio ritmo, ouvindo fitas e respondendo questões em uma folha quimicamente tratada, que mostra imediatamente se as respostas estão certas ou erradas. As crianças gostam desses centros. Elas não os vandalizam. Elas não tentam fugir deles. Sucesso e progresso são altamente reforçadores. Eles estão sempre disponíveis como uma alternativa às práticas punitivas na sala de aula.

Outro campo no qual modificação de comportamento (ou a aplicação de uma análise comportamental) tem sido efetiva é a indústria. A revolução industrial fez grande mudança nos incentivos do trabalhador. Ela destruiu muitas contingências reforçadoras naturais. Ao final, o velho artesão talvez estivesse trabalhando por dinheiro ou outras mercadorias, mas cada passo do que ele fazia era reforçado por algumas consequências imediatas. Quando, na revolução industrial, seu trabalho foi partido em pequenas partes e cada parte atribuída a trabalhadores separados, nada foi deixado como reforço a não ser dinheiro. As consequências naturais do comportamento foram destruídas. Isto é o que Marx chamou de alienação do trabalhador a partir do produto do seu trabalho. Além disso, o sistema torna-se principalmente aversivo. Como eu disse antes, o trabalhador não trabalha pelo salário, mas para evitar demissão e perda de um padrão de vida mantido por um salário. Trabalhadores trabalham sob supervisão e supervisores, como professores, tendem a responder somente a oportunidades de criticar ou queixar-se. Quando são orientados a procurar oportunidades para elogiar ao invés de criticar, o comportamento dos trabalhadores melhora e eles relatam que gostam mais dos seus trabalhos. Boa engenharia industrial também tenta tornar clara a relação entre o trabalho e o produto final. Problemas de absentismo e mudanças de empregos foram resolvidos em alguns casos, acrescentando reforço programado semelhante ao empregado pelo professor que mencionei. O empregado que vem para o trabalho todo dia recebe um bilhete de loteria; o empregado que fica em casa pode perder essa grande chance.

Houve na América algumas objeções violentas ao uso de modificação de comportamento na indústria com o argumento de que é planejado simplesmente para obter mais trabalho do trabalhador e aumentar os lucros. Frequentemente isto pode ser verdade e em longo prazo isto poderá ser autodestrutivo. Por outro lado, muitos países no mundo hoje estão sofrendo um declínio de produtividade do trabalhador. Diz-se ser

uma das principais causas de inflação. Qualquer método de controle precisa ser contido apropriadamente e a exploração do trabalhador certamente deve ser prevenida, mas se mudanças nos incentivos industriais tornarem possível para os trabalhadores trabalhar mais produtiva e cuidadosamente e, ao mesmo tempo, apreciar seu trabalho, então todos e principalmente os próprios trabalhadores se beneficiarão.

Um dos primeiros campos nos quais a análise do comportamento foi aplicada foi o cuidado institucional de pessoas psicóticas e retardadas. Aqui, novamente, a prática padrão encorajava medidas punitivas. Atendentes que eram encarregados de cuidar de salas cheias de psicóticos, muitos dos quais sentados sem fazer nada, estão propensos a responder somente a mau comportamento. Como resultado, mau comportamento é reforçado pela atenção e, finalmente, são necessárias mais medidas punitivas. Quando atendentes são orientadas a procurar comportamentos para elogiar, há uma grande mudança. Psicóticos e pessoas retardadas, por causa de suas deficiências, não são sensíveis às contingências reforçadoras normais da vida. Elas precisam de um ambiente protético. Óculos, aparelhos auditivos, muletas, cadeiras de rodas são dispositivos protéticos que capacitam as pessoas a se comportarem efetivamente apesar de suas deficiências. Um ambiente protético é um ambiente no qual aqueles que são insensíveis às contingências de reforçamento padrão possam, apesar disso, comportar-se de forma produtiva e digna. Uma economia de ficha é uma medida protética que pode permitir a psicóticos e pessoas retardadas levarem vidas razoavelmente dignas a despeito de suas desvantagens.

Prisões e escolas para delinquentes juvenis são outros lugares nos quais modificação de comportamento substituiu medidas punitivas. Estas instituições não são planejadas para punir apenas o mau comportamento no passado, mas também durante o encarceramento, no sentido que prisioneiros tendem a receber atenção das autoridades da prisão principalmente quando se comportam mal. Há poucos incentivos em uma prisão por comportar-se bem. Isto não precisa ser assim. Em um experimento em uma escola para delinquentes juvenis nos EUA, os garotos receberam uma chance. Eles poderiam, se quisessem, ficar sem fazer nada durante o dia. Eles poderiam sentar em um banco, comer refeições nutritivas mas não muito interessantes, dormir no dormitório durante a noite. Entretanto, se ganhassem pontos poderiam receber comida mais interessante, ter acesso a mesas de bilhar, televisores, alugar um quarto privativo ou mesmo comprar um tempo fora da instituição. Eles ganhavam pontos em parte realizando serviços de limpeza, mas a maioria, estudando com instrução programada. Muitos desses meninos foram abandonados pelos sistemas educacionais aos quais foram expostos. E agora eles descobriram que são capazes de aprender a ler e escrever e fazer aritmética simples.

Os meninos participaram do experimento apenas por poucos meses, mas a taxa de recidiva foi grandemente alterada. Ao final de um ano após a libertação, 25 por cento estavam novamente em apuros, mas a quantia seria de 85 por cento em outros casos. Ao final do segundo ano, 50 por cento estava em apuros e, após três anos, havia pouca evidência da efetividade do programa. Os meninos voltaram ao mundo no qual muitas

contingências erradas prevaleciam. Mesmo assim, o experimento rendeu mais do que custou, no que diz respeito ao interesse do governo.

Uma questão séria também foi levantada a respeito de programas desse tipo e, estranhamente, em nome de direitos civis. Psicóticos ou pessoas retardadas e prisioneiros não têm direito a comida, roupas, privacidade e uma oportunidade razoável de divertir-se? Podem essas coisas ser retiradas para serem usadas como reforçadores? Em alguns estados, foram aprovadas leis para restringir o uso de modificação de comportamento com esse embasamento, mas o argumento se apoia em um sério mal-entendido. Quais são os direitos de um prisioneiro, por exemplo? Uma pessoa que foi encarcerada e então recebe as coisas que precisa para sobreviver está sendo cerceada em um direito muito básico. Ele foi destruído como pessoa ao ter suas contingências reforçadoras jogadas fora. A mesma coisa acontece com os indivíduos na previdência social. É claro que a sociedade humana ajudará pessoas que precisam de ajuda e não podem ajudar a si mesmas, mas é um grande erro ajudar aqueles que podem. Pessoas psicóticas ou pessoas retardadas que, em essência, ganhassem sua própria vida seriam mais felizes e dignas do que aquelas que recebem de graça e então são tratadas punitivamente, pois na ausência de consequências reforçadoras se comportam mal. Aqueles que dizem estar defendendo direitos humanos estão esquecendo o maior direito de todos: o direito ao reforçamento.

Psicoterapia face a face é outro campo no qual modificação de comportamento é usada e é particularmente significativa porque, geralmente, tal tipo de terapia está preocupada com os efeitos da punição. Psicanálise pode ser vista como uma reversão sistemática dos efeitos da punição que a pessoa sofreu na infância e aconselhamento psicoterapêutico é em grande medida uma questão de encontrar um estilo de vida – um novo lugar para morar, um novo emprego, novos amigos – no qual o comportamento do cliente será reforçado positivamente.

Quisera poder dizer que governo é outro campo no qual há interesse em abandonar medidas punitivas, mas propostas para trabalhar com reforçamento positivo no governo, geralmente, são vistas como surpreendentes ou engraçadas. Jonathan Swift, em seu ótimo livro, *Viagens de Gulliver*, descreveu um estado no qual bom comportamento era reforçado e mau comportamento não era punido, mas era satirizado. E muitas pessoas acharam divertido um pequeno experimento em uma cidade dos EUA, na qual motoristas começaram a receber cartões postais dizendo: “Você foi observado parando no cruzamento tal a tal hora. Parabéns”. Sem dúvida, infratores sérios não foram afetados, mas estou certo de que muitos motoristas que receberam esses cartões voltaram a parar no cruzamento durante algum tempo depois. O problema da punição ao lidar com comportamento criminoso é antigo e não será resolvido facilmente porque aqueles que são feridos pelo crime tendem a ser brutais para suprimi-los. Nos EUA, a pena de morte está sendo reinstalada e recentemente, em um programa de televisão chamado “Scared Straight”, jovens infratores em potencial foram levados para uma prisão para ouvir prisioneiros descreverem suas vidas de modo brutal. O programa foi bem recebido por críticos. Disseram que os infratores em

potencial ficaram “em ordem” (*went straight*), porém tais resultados foram questionados. De qualquer modo, a intensificação da punição não é solução. Na Inglaterra durante o século dezoito, 200 crimes eram puníveis com morte. Um destes era o roubo de lenços de seda, mas as multidões que se juntavam para assistir às execuções estavam tão intensamente interessadas no que acontecia, que os ladrões de lenço tinham uma ótima oportunidade. Obviamente eles não eram impedidos pelo espetáculo dos seus colegas sendo enforcados. Em longo prazo, a solução do problema do crime não é a punição, mas a eliminação das condições sob as quais pessoas cometem crimes. Por exemplo, haveria muito menos crime se todos tivessem um emprego.

Existem aqueles que se opõe de modo muito mais genérico à modificação de comportamento ou à aplicação de uma análise comportamental, considerando que uma pessoa não tem o direito de controlar outra. Nós experienciamos tanto controle punitivo que concluímos que qualquer controle é errado. A conclusão é talvez um dos maiores enganos produzidos pela punição. Nós estamos todos controlando comportamento a todo o momento. Como pais, controlamos os comportamentos de nossos filhos, e como filhos (menos obviamente), o comportamento de nossos pais. Como professores, controlamos o comportamento de nossos alunos, e como alunos, o comportamento de nossos professores. Como empregadores, controlamos o comportamento de nossos funcionários, e como funcionários, o comportamento de nossos empregadores. Como governantes, controlamos o comportamento daqueles que governamos, e como governados, o comportamento de governantes. Como conhecidos, amigos e amantes, controlamos o comportamento uns dos outros. Podemos ou não saber que estamos fazendo isso; poucos de nós, ou ninguém, estão conscientes de todas as maneiras nas quais o comportamento é controlado. Podemos controlar deliberadamente ou não – ou seja, em função de consequências para nós mesmos. De qualquer modo, nós controlamos. O fato é que muito frequentemente nós o fazemos mal, e mal porque, muito frequentemente, de modo punitivo. Quanto mais soubermos sobre controle, mais rapidamente vamos avançar em direção a métodos aceitáveis.

Quando nós olhamos para o mundo de hoje com suas guerras, terrorismo e violência em tantos lugares, uma sociedade não-punitiva parece “utópica” no sentido de impossível. E, realmente, não é provável que estejamos chegando a um mundo pacífico no futuro imediato por aplicar a análise experimental do comportamento em diplomacia internacional. De qualquer modo, paz no sentido simples de ausência de violência não é a solução para o problema. Como a permissividade que alguns países recentemente utilizaram, isso não oferece alternativas para medidas punitivas. Talvez a melhor oportunidade será começar abaixo do nível de assuntos internacionais. Se, somente devido a consequências positivas, pessoas podem adquirir conhecimentos e habilidades, trabalhar produtivamente, tratar bem uns aos outros e desfrutar suas vidas, estes que lidam com questões internacionais poderiam ser capazes de usar medidas não-punitivas mais eficazmente. São os infelizes e amedrontados que recorrem à guerra. Negociações internacionais entre nações felizes deveriam ser mais bem-sucedidas.



Em certo sentido, a busca por uma sociedade não-punitiva é nada mais que a tradicional busca pela felicidade. A análise experimental do comportamento ajuda nesta busca ao identificar as condições essenciais para felicidade. Quando agimos para evitar ou escapar de punição, dizemos que fazemos o que temos que fazer, o que precisamos fazer, e o que devemos fazer. Assim, raramente somos felizes. Quando agimos porque as consequências foram positivamente reforçadoras, dizemos que fazemos o que gostamos de fazer, o que nós queremos fazer. E nos sentimos felizes. Felicidade não está na posse de reforçadores positivos; está em comportar-se porque reforçadores positivos então se seguiram. O endinheirado rapidamente descobre que a abundância de coisas boas só o faz feliz se permite a ele comportar-se de formas que sejam reforçadas positivamente por outras coisas boas.

Não podemos chegar a um mundo feliz simplesmente renunciando a medidas punitivas. Precisamos resolver outros problemas. Superpopulação, a exaustão derradeira dos recursos do mundo e a poluição do ambiente são as consequências punitivas naturais do comportamento imprudente que exibimos atualmente. Se falharmos na resolução destes problemas, seremos todos punidos pelo mais terrível malogro da evolução da espécie humana: o holocausto nuclear. Não podemos resolver esses problemas através de medidas aversivas. É necessária uma solução cooperativa ao invés de uma solução competitiva. Qualquer que seja a forma final desta solução, podemos todos ir em sua direção ao recorrer o mais frequentemente possível a medidas positivamente reforçadoras em nossas escolas, nossas indústrias, nossos governos, nossas famílias e nossas vidas diárias.